

Comunicação, jornalismo e Amazônia: de uma multiplicidade de temas e objetos empíricos à centralização em educação e tecnologias de comunicação¹.

Antonio José Pedroso Neto
Universidade Federal do Tocantins

RESUMO

A Amazônia é objeto de pesquisas de comunicação e jornalismo. Problema: de 2000 a 2023, há mudanças no objeto das pesquisas e nas perspectivas e questões das pesquisas sobre comunicação, jornalismo e Amazônia. Pergunta: o que mudou ou permaneceu? Essas pesquisas constituem um espaço simbólico, logo, para responder à pergunta, objetivou-se esse espaço, via duas análises; de conteúdo e de correspondências múltiplas. Resultados: perda de centralidade de pesquisas sobre amazônica, cultura, ambiente, povos e práticas indígenas e a conquista de centralidade por pesquisas sobre educação e tecnologias de informação.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Jornalismo; Amazônia; Espaço simbólico; pesquisa.

Introdução.

O objetivo deste artigo é apresentar a trajetória dos estudos sobre jornalismo e comunicação na Amazônia, nos últimos 23 anos. De modo geral, quando se pensa o termo Amazônia, se representa uma miríade de coisas: território de vários países, estados, cidades; exploração de vários recursos minerais, florestais; povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas; áreas de florestas, rios, inundações; áreas urbanas, rurais, protegidas, demarcadas; indústria, agropecuária, agricultura; grandes obras de energia, rodovias, portos; redes de comunicação, transmissoras, retransmissoras, de televisão, rádio, internet; manejos sustentáveis, desenvolvimento, degradação, queimada; dimensão legal, nacional, internacional; etc. Enfim, essa miríade tem a atenção do mundo; jornais, organizações internacionais, empresas multinacionais, universidades, etc.

Os pesquisadores da comunicação e do jornalismo, dentre outros, não deixaram de se debruçar sobre a miríade Amazônia. Assim, temos um problema com duas partes. Primeira, em um intervalo de tempo de mais de 20 anos, muitas coisas mudaram na miríade e nas pesquisas sobre jornalismo e comunicação. Não é o mesmo cenário ou espaço empírico. E não são as (os) mesmas (os) pesquisadoras (res) e objetivos de pesquisa. Segunda, não há análises de síntese que tenham se debruçado sobre as pesquisas de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Comunicação, Ciência e Amazônia), evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

jornalismo e comunicação sobre a Amazônia. O que mudou nos temas pesquisados? Nos espaços empíricos? Nos problemas? Quais são os possíveis móveis das mudanças?

Pensamos o espaço dos artigos científicos como um espaço simbólico, no sentido de Bourdieu (1989, 1996, 2007). Conforme nosso autor, de um lado, temos o espaço social, um espaço em que os agentes sociais estão localizados, distribuídos, conforme os tipos e os montantes de recursos, propriedades pertinentes, poderes, que possuem, de modo diferenciado; desde idade, gênero, cor da pele, escolaridade até propriedades materiais, renda, bairro residencial, ligações sociais, sobrenome, etc. – diversos tipos de capitais. Esses agentes, tomam posição, escolhem, consomem e também produzem produtos culturais, bens simbólicos, como as pesquisas e artigos científicos. Assim, de outro lado, em grande medida, temos o espaço simbólico, isto é, o espaço das tomadas de posição, o espaço dos bens simbólicos em posições homólogas (BOURDIEU, 1989, 1996, 2007).

Nesta pesquisa, nosso objetivo não foi pesquisar o espaço dos produtores simbólicos; dos pesquisadores. Investigamos o espaço dos bens simbólicos; artigos científicos sobre comunicação, jornalismo e Amazônia. Esses bens estão distribuídos em seu espaço devido às posições dos seus produtores, mas também devido às suas características pertinentes; temas pesquisados, teorias e métodos usados, espaços empíricos pesquisados, revistas em que foram publicados, anos das publicações, etc. Na correlação de todas essas características, os mais semelhantes estão mais próximos no espaço e os mais dessemelhantes, ao contrário.

Enfim, podemos observar e descrever uma trajetória de mudanças, conforme nossos questionamentos, se observarmos o espaço dos artigos. Para observar esse espaço, precisamos objetivá-lo, colocá-lo no papel (BOURDIEU, 1989, 1996, 2007). Para isso, é preciso caracterizar os artigos e colocar todos em relação, a partir de suas características. E isso se faz com a análise de correspondências múltiplas (ACM). Foi o que fizemos, a partir dos dados de uma análise anterior; análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

Metodologia

Analisamos um *corpus* de 179 artigos obtidos no Portal de Periódicos CAPES em novembro de 2023, a partir do cruzamento de três termos em quatro línguas (português, inglês, espanhol e francês); comunicação, jornalismo e Amazônia. Tivemos em conta

somente artigos em revistas avaliadas por pares, com amplitude temporal de 2000 a 2023. Objetivamos esse espaço via duas análises do *corpus*.

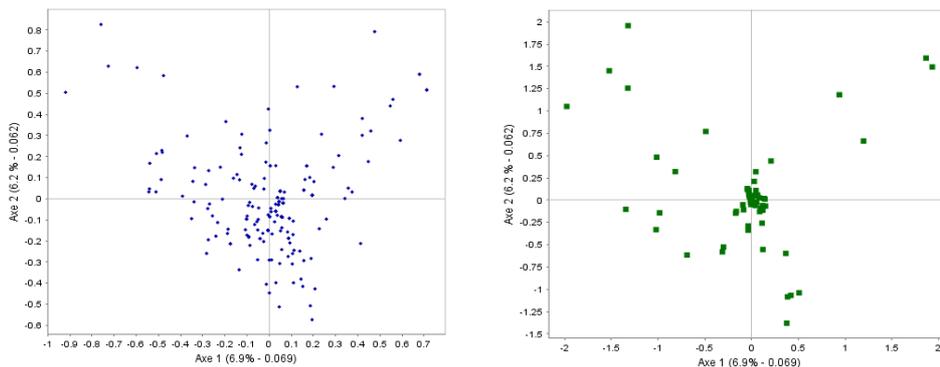
Uma análise de conteúdo das palavras-chaves e do tempo dos artigos. Observamos aquelas e, então, criamos categorias de palavras-chave – categorias de conteúdo, variáveis. Na sequência, caracterizamos, conforme tinham ou não essas categorias de conteúdo. Em complemento, os caracterizamos também por categorias de tempo; ano de publicação – categorias de tempo, variáveis.

São 19 categorias de conteúdo: *Amazônia* (amaz); *Amazônia outros* (amaz out); *jornalismo* (jornali); *jornalismo específico* (jornalis esp); *outros jornalismo* (jornalis out); *comunicação* (comuni); *tipos de comunicação* (comuni tip); *outras comunicações* (comuni out); *meios de comunicação específicos* (m comuni esp); *mídia* (mídia); *rádio e televisão* (rádio tv); *povos indígenas* (povo indí); *práticas culturais indígenas* (prá cul indí); *educação* (educação); *tecnologia* (tecnolog); *cultura* (cultura); *ambiente* (ambiente); *métodos de análise* (mét análi); e *outros* (outros). E 12 categorias de tempo: *2000 a 2010*; *2011 a 2012*; *2013 a 2014*; *2015*; *2016*; *2017*; *2018*; *2019*; *2020*; *2021*; *2022*; *2023*.

Em seguida fizemos uma análise de correspondências múltiplas (ACM) dos artigos caracterizados, isto é, da coocorrência das suas características. A ACM objetivou o espaço dos artigos (Figuras 01 e 02); revelou os principais eixos que os diferencia, os distribui no espaço simbólico. E revelou também os artigos mais típicos, representativos das diferentes regiões desse espaço (em um exame mais longo, em um artigo completo, analisaremos uma parte dos 84 artigos que mais contribuíram com a formação dos eixos fundamentais do espaço). A Figura 01 apresenta a distribuição dos artigos e a Figura 02 a distribuição das categorias, ou propriedades pertinentes, que os caracterizam. A ACM foi feita com o software SPAD (Coheris Analytics Spad).

Figura 01 – Espaço dos artigos

Figura 02 – Espaço das características dos artigos



Analizamos dois eixos que, juntos, contribuíram com 54,9% da inércia do espaço – 32,9% do primeiro e 22% do segundo. Conforme o método de contribuições (BONNET, LEBARON, LE ROUX, 2015), analisamos as categorias que contribuíram com inércia dos eixos acima da média. Resultados: o primeiro eixo é constituído por 14 categorias, sendo oito de conteúdo e duas de tempo, do lado esquerdo, e duas de conteúdo e duas de tempo, do lado direito; o segundo é formado por 15 categorias, sendo quatro de conteúdo e duas de tempo, do lado de baixo, e quatro de conteúdo e três de tempo, do lado de cima.

Da comunicação e jornalismo, ambiente e Amazônia à educação e tecnologia.

No primeiro eixo, quanto mais para a esquerda do primeiro eixo estão os artigos, mais tendem a tratar de *jornalismo* (jornalismo, periodismo), de *jornalismo específico* (jornalismo alternativo, ambiental, comunitário, de revista, digital, local, internacional, regional), de *outros jornalismo*s (cobertura jornalística, Fantástico, imprensa, imprensa e meio ambiente, inovação no jornalismo científico, jornalismo e ecologia, jornalismo e opinião pública, jornalismo no interior, noticiário, periódicos, webjornalismo).

Correlativamente, tendem a tratar de *meios de comunicação específicos* (Agência Pública, Boletins do Museu Paraense Emílio Goeldi, G1/Acre, Hemeroteca Digital, Imprensa amazônica, Portal A Crítica, Portal de Notícias, Rede Amazônica, Rede de Notícias da Amazônia, Revista Isto É, Revista Veja, Rondon Notícias) e *rádio e televisão* (Rádio Cultura FM, Rádio HF, rádio na Amazônia, radiojornalismo, rádios locais, retransmissoras, telejornalismo, televisão, televisão pública, TV Rondônia).

E a tratar de *Amazônia outros* (Amazônia acreana, Amazônia brasileira, Amazônia Legal, Amazônia ocidental, Amazônia oriental, Amazonia paraense, Amazonía peruana, Amazônia real, brazilian Amazonia, native Amazoniat), *ambiente* (ambientalismo, ambiente, crise ambiental, ecologia, eventos climáticos extremos,

incêndios florestais, meio ambiente, queimadas, questão ambiental amazônica, reserva ambiental, socioambiental, socio-ecological e systems).

Por fim, a categoria *outros* tende a não estar presente desse lado. Ela agrupa inúmeras palavras-chave que não tiveram frequência suficiente para constituírem uma categoria, individual ou em conjunto (370 palavras-chave e com as repetições 460).

Nesse lado do eixo, os artigos são mais recorrentes no início da amplitude temporal, *2000 a 2010*, e em *2018*. E a tendência é de tratarem de jornalismo de modo mais amplo e de meios de comunicação mais específicos, assim como do ambiente e de localidades específicas da Amazônia, internacional, mas especialmente nacional.

Do lado direito, tendem a estar os artigos mais recentes, *2020* e *2021*, que tratam de *educação* (alfabetização de adultos, alfabetização emancipadora, aprendizagem, aulas de ciências, educação, educação superior, formação de professores, formação inicial, geometria, matemática, materialidades, necessidades formativas, necessidades educativas especiais, PIBID, Paulo Freire, práxis escolar ribeirinha, sala de aula invertida, Universidade Católica de Brasília, Universidade Católica de Brasília, Universidade Federal de Rondônia, Universidade Federal de Roraima) e de *tecnologia* (inserção tecnológica, móveis, tecnologia, tecnologia da informação, tecnologia da informação e comunicação para o desenvolvimento, tecnologia mobile, tecnologias de informação e comunicação, tecnologías de la información y comunicación, tecnologias digitais, tecnologias digitais da informação e comunicação e TIC's).

Desse lado do eixo, não há presença diferenciada de categorias de conteúdo sobre jornalismo e comunicação, mas há sobre educação e tecnologias de informação e comunicação. Quer dizer, os artigos tendem a tratar do uso de tecnologias de comunicação mais avançadas para fins educacionais.

Em síntese, o primeiro eixo indica que há uma mudança no centro de gravidade das pesquisas; de um momento inicial em que eram mais centradas em jornalismo, comunicação, ambiente e regiões da Amazônia para um momento mais atual em que são mais centradas nas tecnologias de comunicação mobilizadas para fins educativos.

Da cultura, povos indígenas e Amazônia à educação e tecnologia.

No segundo eixo, quanto mais para baixo estão os artigos, mas tendem a ser do início da amplitude temporal, *2000 a 2010*, e de *2016*. E tendem a tratar de *povos*



indígenas (indígenas, povos indígenas, A'uwê-Xavante, comunidade tribal, Enawenê-Nawê, etnia, Gente de Centro, grupos étnicos, Kuikuro, Munduruku, Quechua, Shipibo-Conibo, Suruí, Ticunas, Bora, Tukanoan, Yucunas), de *práticas culturais indígenas* (cantos rituais, Lastenia Canayo, xamanismo, cantos rituais, cosmologia, iniciação, jogos cerimoniais, kené, línguas indígenas, mito andoa-katsakati, mulheres arpilleristas, multilingüismo, música, pesca continental, pintura corporal, plurilingüismo, rituais funerários, ritual, tradição oral, vasos qeros, Víctor Churay), *Amazônia* (Amazônia, Amazonie) e de *cultura* (cultura, cultura de fronteira, cultura organizacional, diversidade cultural, interculturalidade).

Do lado de cima, tendem a estar os artigos mais recentes, 2020 e 2021, e de 2015, que tendem a tratar de *jornalismo específico, outros jornalismo, meios de comunicação específicos, educação e tecnologia*.

Em síntese, o segundo eixo também indica uma mudança no centro de gravidade das pesquisas; de artigos mais relacionados à Amazônia, à cultura, aos povos indígenas e suas práticas culturais para artigos mais relacionados ao jornalismo e a comunicação e, especialmente, a educação e tecnologia.

Conclusão.

A primeira dimensão do espaço dos artigos é mais forte. Ela indica uma mudança de maior variedade de temas e espaços empíricos para menor, centrada na educação e nas tecnologias de comunicação. A segunda dimensão amplia a variedade de temas que perderam espaço para outros temas e a menor variedade, igualmente centrada na educação e tecnologias de comunicação e, em menor medida, jornalismo e comunicação.

Esta pesquisa é descritiva. Indicou mudanças e afunilamento das pesquisas em direção a educação e tecnologias de comunicação, mas deixou questões. O que explica a perda de centralidade de pesquisas de jornalismo e comunicação sobre Amazônia, cultura, povos e práticas indígenas, ambiente e a conquista de centralidade pela educação e tecnologias de informação? Fatores decorrentes da pandemia? Incentivos governamentais, privados e outros? Abertura de novos programas de pós-graduação?

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.



BONNET, P. LEBARON, F. LE ROUX, B. L'espace culturel français. In: Lebaron, F. Le Roux, B. **La méthodologie de Pierre Bourdieu en action**: espace culturel, espace social et analyse des données. Paris: Dunod, 2015.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.